

# ilustrada

Para comprar ligue:  
São Paulo (11) 3062 3351 / 3062 1529  
Rio de Janeiro (21) 2259 7975

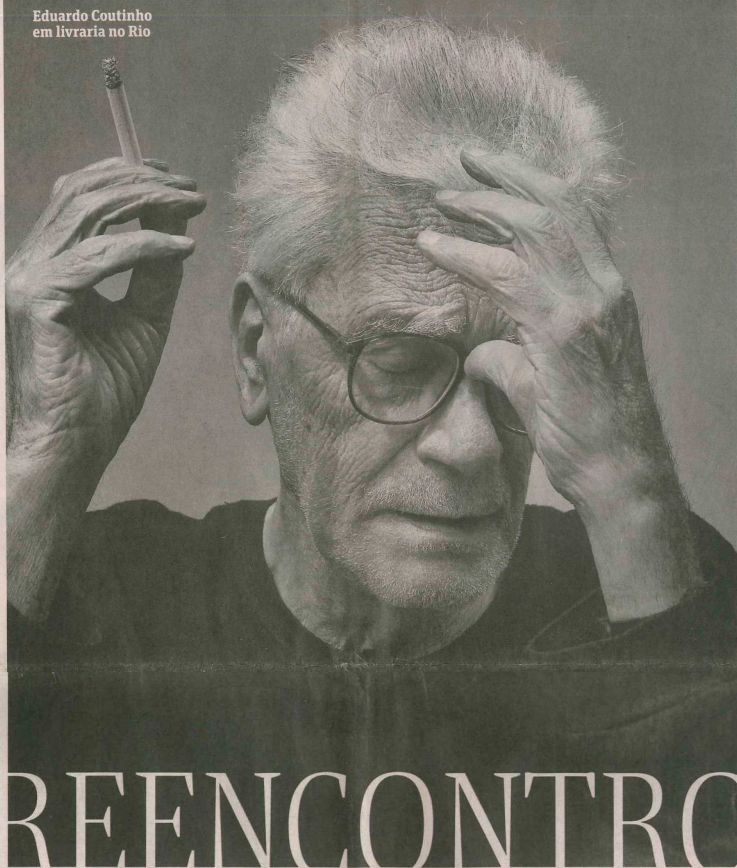
Compre online:  
[www.novoambiente.com/loja](http://www.novoambiente.com/loja)  
Entregas em todo Brasil  
corp@novoambiente.com

**NOVO AMBIENTE**  
SOLUÇÕES EM INTERIORES E MOBILIÁRIOS

Cadeiras Herman Miller você encontra na Novo Ambiente.  
Referência mundial em cadeira para escritório.  
12 anos de garantia.



Eduardo Coutinho em livreria no Rio



## REENCONTRO

Nos dois anos da morte de **Eduardo Coutinho**, Folha encontra personagens retratados pelo cineasta, que tinha planos de revisitá-los em filme nunca concluído

### ANÁLISE

Última obra traz Coutinho armado em um universo que temia perder

CONSUELO LINS  
ESPECIAL PARA A FOLHA

Em dezembro de 2013, levei Eduardo Coutinho duas vezes a um hospital no caminho para o Corcovado. Ele precisava fazer um curativo em um machucado que teimava em não sarar. Estava angustiado com o filme que fazia, embora aqui e ali o humor irrompesse.

Divertia as enfermeiras contando que, quando ia sozinho a esse hospital, mobilizava os recepcionistas para chamarem um táxi ameaçando morrer ali mesmo, subitamente. Como seu estado físico estava longe de inspirar confiança, a situação se resolvia logo.

É verdade que já havíamos visto Coutinho assim outras vezes, mas naquele momento a situação parecia um pouco mais sombria. Nas idas e vindas ao hospital, ele criticava a recém-encerrada filmagem com adolescentes de escolas públicas e lamentava não ter feito um filme com crianças.

Dizia o que lhe interessava nas crianças: captar uma espécie de "origem da linguagem", quando sons, palavras e sentidos ainda não estão cristalizados. Um filme que desse conta dessa dimensão me parecia bastante incerto; mais do que isso, idealizado.

Ao assistir a "Últimas Conversas" um ano e meio depois, fiquei comovida com a disponibilidade desses meninos e meninas diante de Coutinho, ao contrário do que ele diz no próprio filme à sua montadora de tantos anos, Jordana Berg.

Na abertura do documentário, Coutinho detalha seu mal-estar com os jovens, muito "armados" e sem memória suficiente para que uma autofotografia se coloque em cena.

Mas o que vemos é o próprio Coutinho armado, intervindo demais, com afirmações genéricas a duas jovens, algo que ele sempre criticou — "Toda adolescência é cruel", "vida é sofrimento". Exercita pouco o "porquê" e o "explique isso para mim", que tanto usou nos filmes anteriores.

Na terceira conversa, Coutinho dá sinais de vida. Mostra-se gradualmente mais interessado e mais carinhoso diante desses adolescentes, quase todos negros, quase todos pobres, mal começando a vida e já com memórias tão doloridas. Mas poucas vezes chega à intensidade da conexão que vimos em outros filmes.

Postura que foi efetivamente a dele ao longo de cada um de seus filmes — Coutinho foi o maior dos perguntadores e o maior dos ouvintes.

"Últimas Conversas" mostra em alguns momentos que ele estava debilitado naquilo que soube tão magistralmente fazer. "Recuperar a fé é muito difícil", diz a Jordana na entrevista. Filmar crianças talvez fosse a tentativa derradeira de resgatar um modo de relação com o mundo que ele temia estar em vias de perder.

CONSUELO LINS é professora da Escola de Comunicação da UFRJ e autora de "O Cinema de Eduardo Coutinho" (Jorge Zahar, 2004). Trabalhou com o documentarista em "Babilônia 2000" e "Edifício Master".

ANNA VIRGINIA BALLOUSSIER  
GUILHERME GENESTRETI  
ENVIADOS ESPECIAIS AO RIO

Com futuro incerto, Eduardo Coutinho queria revisitar seu passado. Meses antes de ser assassinado pelo filho caçula, aos 80, dois anos atrás, o documentarista estava mal de saúde. Tinha nódulos no pulmão, passou semanas internado no hospital São Silvestre, no Rio. Maria das Dores, 64, a mulher, disse em depoimento à Justiça, após o crime, que ele caía na rua, no restaurante, na portaria do prédio.

"Nesse período, ele estava com este projeto do 'Reencontro' na cabeça", diz Beth Formaggini, que ajudou Coutinho a produzir "Peões", "Edifício Master" e "Babilônia 2000".

"Reencontro", o filme que nunca foi, reuniria o diretor com personagens dos vários filmes de sua carreira. Coutinho voltou com sua equipe ao edifício Master, aos moros Dona Marta e Babilônia.

Esteve também com Teresinha na favela Parque da Cidade. Em 1999, para "Santo Forte", ela lhe contou sobre a Vovó Cambina, entidade umbandista, uma "velha bonita" que "só fuma um cachimbinho".

Falou com a família de Elizabeth Teixeira, a viúva do "Cabra Marcado para Morrer", e os sobreviventes do Engenho da Galileia em Pernambuco, onde o diretor filmou sua dita

obra-prima. Essas gravações viraram extras do DVD do longa, relançado pelo IMS (Instituto Moreira Salles) em 2014.

Já "Reencontro" não passou de uma ideia. "Ele tinha muito interesse em saber o que tinha acontecido com essas pessoas de lá para cá. Mas olhou o material e achou que não daria filme. Desistiu", diz Beth, que logo ressalva: "O Coutinho sempre achou que nunca ia dar filme. Na época do 'Master', queria ir embora do prédio, disse que não tinha rendido".

A relutância se repetiu em filmes como o póstumo "Últimas Conversas", que escolheu fazer em vez de "Reencontro" e que sairá em DVD no final do mês, de novo pelo IMS.

"Alguns desses reencontros são bonitos, outros não chegaram a render", afirma João Moreira Salles, produtor do documentarista. "Integram um vasto arquivo de material do Coutinho, que, no futuro, posso ou não revisitar."

Nos dois anos da morte do cineasta, a Folha procurou a ambulante Fátima ("As Canções"), as atrizes Fernanda ("Moscou") e Andréa ("Jogo de Cenas"), a ex-dançarina Suzete ("Edifício Master"), a empreendedora Cida ("Babilônia 2000") e o estudante Thiago ("Últimas Conversas"). Esses reencontros você vê em [folha.com/eduardocoutinho](http://folha.com/eduardocoutinho).

» LEIA MAIS na pág. C3

### ANÁLISE

Diretor fez mais do que uma obra; é dos raros que concebeu uma linguagem

CARLOS NADER  
ESPECIAL PARA A FOLHA

"A troco de que as pessoas vão ver o trabalho de um cara que só filma gente falando?"

Foi essa a pergunta lançada na minha direção pelo próprio cara, Eduardo Coutinho, em sua última entrevista filmada.

Esperei por uma resposta triunfante, daquelas que um discurso empolgado emenda na sequência. Não veio.

O cara continuou fazendo a mesma pergunta, a mim e ao éter, num sinal inequívoco de que ele também achava que sua obra contém um mistério essencial, irrespondível. "A troco de quê? De quê? É um absurdo, entende? E esse absurdo é o que me mantém vivo".

No começo dos anos 1990, mais de uma década após "Cabra Marcado para Morrer" — filme extraordinário que, mesmo que eu discorde, a maioria dos cinéfilos brasileiros considera o maior documentário já feito no país —, Coutinho achava-se não só relativamente esquecido, inclusive pelos cinéfilos, mas se sentia também perdido em si mesmo.

"Minha vida não fazia sentido. Tinha criado meus filhos. Casado há 30 anos. Feito um filme há 15. Então é isso que, porra, pode fazer e acabou?"

"Por que não arriscar?", ele mesmo colocou, quando tinha mais de 60 anos e perto de zero em dinheiro e prestígio. Em 1997, arriscou "Santo Forte".

"Filmar gente falando" é só o resumo de uma ópera, obra, que (re)começava plena de risco. Desafiou cada linha não só do cânone cinematográfico, mas também das próprias rupturas experimentalistas.

Num só lance de dados, Coutinho aboliu pesquisa, preparação, roteiro, narração visual, cenário e trilha sonora. A partir daí, a arte imitou a vida. Justamente por perder quase tudo, o cinema da conversa começou a ganhar um lugar na história do audiovisual. O diretor-descobridor botou um ovo de Colombo.

O paradoxo desse cinema é que, comparado aos outros, acaba tendo mais, e não menos, roteiros, cenários, trilhas. Só que brotam posteriores, no coração e na mente do espectador. Coutinho não integra o seleto grupo de diretores que criaram, para além dos filmes, uma obra. Sua categoria é mais rara: a do artistas que inventaram uma linguagem.

Claro que teve influências marcantes, como "Shoah", de Claude Lanzmann, mas nenhum outro cineasta ousara fundar toda uma cinematografia na palavra viva, fazendo-a evoluir até o último suspiro.

Nessa fase que começa com "Santo Forte" e termina póstuma com "Últimas Conversas", cada trabalho é ao mesmo tempo o pai de uma invenção nova e filho fiel de uma ideia mãe intransigente. Os nove filmes desse período formam um bloco tão uno e radical que, na minha cabeça, formam um filme só. O melhor documentário já feito no país.

O cineasta CARLOS NADER é diretor de "Eduardo Coutinho: 7 de outubro" (2014).

# Filho queria 'libertar' Eduardo Coutinho

Daniel, que matou o diretor a facadas há dois anos, deve continuar em hospital penitenciário ao menos até 2018

**Rapaz, que é portador de esquizofrenia, afirmou à Justiça amar os pais e que sentia a chance de que um mal poderia acometê-los**

DOS ENVIADOS AO RIO

Há dois anos, Daniel de Oliveira Coutinho, 43, matou o pai, Eduardo, e feriu a mãe, Maria das Dores, a facadas, no apartamento onde a família vivia na Lagoa, zona sul carioca. Em abril de 2015, a Justiça

do Rio absolveu Daniel, diagnosticado com esquizofrenia e portador, segundo a sentença, incapaz "de entender o caráter ilícito do fato". Ele foi transferido de um hospital penitenciário para outro, o Henrique Roxo, em Niterói (RJ). Nele deverá ficar por pelo menos três anos, ou seja, até 2018. Em depoimento à Justiça, Daniel explicou por que fez o que fez. Estava "numa espécie de surto". Agiu porque "amava os pais e sentia que um mal poderia acometê-los". Viu sequências de "666" na cabeça

raspada. Quem desferiu os golpes em seus pais "foi satanás". Maria das Dores, conhecida como Dorinha, tinha 19 anos quando conheceu Coutinho, 18 anos mais velho. Ele filmava "Faustão", paródia dos shakespearianos Falstaff, em Pernambuco. Ela era figurante. Casaram-se e tiveram Pedro, promotor de Justiça em Petrópolis (RJ), e Daniel — que se formou em comunicação social e trabalhou em dois filmes do pai, mas vivia recluso. A viúva descreveu aquele 2 de fevereiro à Justiça. Ela acor-

dou, e o filho chegou de cócoras e apoiou a mão em seu ombro esquerdo. Depois a esfaleceu no seio e no abdome. "O marido acordou com seus gritos e questionou o filho do porque daquilo", ela disse, segundo a sentença de Daniel. Dorinha escapou se trancando num cômodo. Ligou para o primogênito, a irmã e uma amiga pedindo socorro. Daniel dizia que aquilo era "o melhor para os três". A Justiça ela contou que Coutinho e Daniel não estavam se dando bem. Coutinho prometera ao filho

o internar se ele mudasse o comportamento. Daniel era agressivo, qualquer barulho o irritava. "Só saía do quarto para o banheiro, não conversava, não tinha amigos", relatou a mãe. Ela também falou da saúde frágil do marido, que tinha um nódulo no pulmão, "caía e se alimentava mal". Após golpear os pais, Daniel tentou se matar com facadas na barriga. O delegado do caso disse à época que ele então bateu na porta de vizinhos afirmando ter libertado pai e mãe. "Me furei duas vezes,

e nada aconteceu", teria dito. Mãe e filho foram internados no mesmo hospital. Ela carrega três cicatrizes — uma delas com quase 50 pontos. O advogado João Bernardo Kappen, contratado pela família para defender Daniel, afirma à Folha que a mãe e uma tia o veem regularmente. Kappen também o visita. "A minha impressão é que ele está parecido com o Daniel de antes, não sei se houve melhora. Isso é um tratamento para a vida inteira." (ANNA VIRGINIA BALLOUSSIER E GUILHERME GENESTRETT)

## DEPOIMENTOS



Suze em seu conjugado no Master, em Copacabana

**Suze, que cantou em japonês em 'Edifício Master', brinda a Coutinho**

DOS ENVIADOS AO RIO

Adenize de Jesus, a Suze, 67, é a mulata de argola e batom vermelho que canta em japonês ("saiōōnarááá") em "Edifício Master" (2002), relembrando tempos de glória como dançarina no país oriental. Era, dizia então, uma "stauta" [estátua] de bronze".

A baiana recebe a **Folha** 14 anos depois, num dos 276 apartamentos do prédio, onde mora desde 1982 — comprou — com o dinheiro de shows em boates como Topless, em SP, antes de se mudar para o Rio.

"Querem champagne? Abre uma das seis garrafas, enche copos estilo pote de requiçã e brinda a Coutinho. "Pra mim ele não morreu. Guerreiro. Falava pouco, agia muito." Alugar um conjugado do edifício que cativou o documentarista em Copacabana custa cerca de R\$ 1.800. Num deles viveu seu Henrique, o viúvo fã de Frank Sinatra que canta "My Way" no filme. Após uma queda em casa, ele foi levado embora. Nunca voltou.

Suze hoje vende rosas "num lugar formoso" (levou algumas para o velório de Coutinho). Sente falta do Japão. "Lá não tem cambalacho, mentira. Não adianta dizer 'olha, eu comi peixe' se você comeu carne. O brasileiro mente pra caramba."

Deste "cambalacho" nunca esqueceu: namorava seu coreógrafo na extinta TV Tupi, e uma colega encimada pediu o batom emprestado. "Jogou uma macumba" que deixou seu "lábio preto igual carvão".



Andréa Beltrão em pré-estreia em cinema de SP

**Andréa, a atriz técnica, tentou segurar o choro em 'Jogo de Cena'**

DOS ENVIADOS AO RIO

"Foi a primeira vez que um diretor me chamou e disse que não ia me dirigir", diz a atriz Andréa Beltrão, convidada por Coutinho para "Jogo de Cena" (2007), documentário que intercala depoimentos de anônimos com interpretações dessas mesmas histórias feitas por atrizes.

"Ele me fez uma provocação. [Disse:] 'Você é uma atriz burlesca', lembra Andréa, 52. 'Fiquei irritadíssima. E ele: 'Gostei, ficou zangadinha'."

A atriz carioca recebeu do diretor um VHS com o depoimento de Gisela, mulher espírita que perdeu o filho poucas horas depois de ele nascer, e a tarefa de decorar a história para reproduzi-la nas filmagens. "Comecei a desconfiar da história: ela não se emocionava quando falava do filho, mas se emocionava quando falava do homem [do pai da criança]", diz Andréa. "Era ponto de honra não chorar", afirma a atriz, que se diz técnica e avessa à entrega descontrolada ao personagem.

No dia da filmagem, porém, Andréa não conseguiu segurar. "Quando fui chegando perto da hora que o menino morreu, fui embargando." No filme ela justifica as lágrimas: "Não preparei choro. Mas é que eu não aguento."

A **Folha** ela esboça uma explicação: "A criança era muito pequenininha e meu irmão morreu aos 19 anos. Os canais embarralharam."



Thiago Theodoro, morador de Bangu, subúrbio do Rio

**Thiago, o sabetudo de 'Últimas Conversas', gostou do 'senhor vivido'**

DOS ENVIADOS AO RIO

Foi por causa de um documentário que Thiago Teodoro, 19, diz ter se dado conta de que o socialismo desestruturava as religiões, depois as famílias. "Até não sobrar nada", afirma o morador de Bangu, zona oeste do Rio, autointitulado "de direita".

Mas foi num outro documentário, o último dirigido por Coutinho, que o estudante conta que a vida é "amar ou morrer". Ou "amar e morrer", como aponta o diretor em "Últimas Conversas" (2015), filme sobre as expectativas de alunos coteleiros da rede pública carioca.

Thiago tem um palpite sobre o porquê de ter sido escolhido por Coutinho, aquele senhor "vivido" e que parecia ter "muito conhecimento".

"Acho que é porque tenho uma visão mais aprofundada do mundo", diz o hoje estudante de desenvolvimento de sistemas, área que ele espera lhe garantir uma "vida um pouco pacata", à base de "dois ou três salários mínimos" — quantidade adequada para fugir do país, se precisar.

"Essa briga entre quem é de esquerda e direita está dividindo as massas", diz. "O único jeito seria um militar intervir ou a própria população acordar." Mas cre que dificilmente o povo vá "eleger outras pessoas". "A gente sempre estudou sobre Marx na escola, mas personagens do capitalismo, como Ford, bem pouco."

**Fernanda, que faz Tchekhov em 'Moscou', elogia o cineasta 'amoral'**

DOS ENVIADOS AO RIO

"Moscou" (2009) destoa dos documentários de Eduardo Coutinho: deixa de lado depoimentos e foca o processo de criação do grupo de teatro Galpão, às voltas com a peça "As Três Irmãs", do russo Anton Tchekhov, texto escolhido pelo documentarista.

"Ele disse que gostava muito. Moscou é o sonho perdido das personagens, um desejo de futuro impossível", afirma Fernanda Vianna, 50, atriz da companhia mineira, que ficou três semanas improvisando cenas da peça sob as câmeras de Coutinho e a direção de Enrique Diaz. "As vezes eles se trançavam no fim do dia e o Coutinho: 'Enrique, cadê a peça?'"

Diaz propunha que os atores contassem o passado e vislumbassem o futuro; as histórias eram trocadas e reençadas. No filme, Fernanda declama o futuro imaginado por um colega, que se vê rodeado de netos. Que futuro ela imagina hoje? "Um conflito grande com a carreira."

"Coutinho não é imoral, é amoral", diz ela. "Talvez por isso ele consegue tanto que as pessoas se entreguem."

O cineasta pouco interagia com o elenco, mas costumava pedir para que as atrizes cantassem. "Adorava Roberto Carlos", lembra. Outra que ele gostava e está no filme: a música de parabéns na versão de Villa-Lobos: "Saúdamos o grande dia/Que tu hoje comemoras". "É triste, né?"



Fernanda Vianna, atriz do Grupo Galpão, na Gávea

**Cida, de 'Babilônia 2000', diz que o país está como a caca de seus cães**

DOS ENVIADOS AO RIO

"Tem um pedaço do Brasil no quintal. O Brasil tá uma verdadeira merda", diz Maria Aparecida Alves, a Cida, 56, alertando a reportagem para não pisar na caca deixada por seus poodles, May Tsé-Tung ("feminino de Mao") e Boris Casoy, na porta de sua casa.

Ela se debruça na mesma janela de onde, no Révillon de 17 anos atrás, conversou com Coutinho (um cara "maneiro mesmo") sobre as expectativas para o ano que chegava, em "Babilônia 2000". Para fazer esse filme, ele passou o último dia de 1999 nesta comunidade de vista para a praia do Leme, na zona sul do Rio.

Antes, ela diz à **Folha**, o morro tinha uma igreja evangélica; hoje, "umas 16". Chegou a UPP, que deixou lá "chato pra caralho" e "muito gringo, tá tudo americanizado, 'chinesado'". Em certas partes (perto do bar com pastel de feijoad, por exemplo), o aluguel extrapolou os quatro dígitos.

Uma das protagonistas do documentário, sua mãe, dona Djanira, que contava ter trabalhado no "tríplice de Juscelino Kubitschek", morreu em 25/2/2000, antes da estreia.

Cida, que cuidava de idosos, perdeu esse emprego e entrou no ramo de "quiches integrais saudáveis, fitness e gourmet". No último Ano-Novo, comeu lentilha e cebola caramelizada ao som de reggae e gospel. Ainda guarda a camisa que usou na Babilônia de 2000, onde se lê "Brasil".



Cida Alves em sua casa, no morro da Babilônia, no Leme

**Fátima, que foi de Wanderléa em 'As Canções', acha o diretor 'people'**

DOS ENVIADOS AO RIO

Fátima Gomes Pereira, 57, apareceu primeiro em "Babilônia 2000". Ex-hippie e hoje evangélica, batizou o filho (morto com um tiro) de Sidarta, em homenagem ao livro de Herman Hesse. No filme, faz uma performance pagável de "Me & Bobby McGee", improvisando no inglês ao simular o vozeirão de Janis Joplin no alto do morro.

"Ele reconheceu meu talento, dei valor a isso. Coutinho era 'people', gente", diz enquanto carrega livros dados para vender numa calçada do Leme, mochilinha com imagens de Audrey Hepburn por Andy Warhol nas costas. Já no século 21, ela tentou se inscrever no reality "Fama" (Globo), em vão, e fez uma prostituta no longa "Feliz Natal" (2008), de Selton Mello.

Sonha em ter uma loja de livros e CDs, "porque não vejo nada de cultura, só o 'rapa' esculachar a gente na calçada". Em 2011, reencontrou Coutinho. Entouu "Ternura", da Wanderléa, em "As Canções". Nesse filme, entrevistados respondiam: "Qual é a música que marcou a sua vida?"

Na verdade, ela escolheu um hino religioso, mas o diretor achou que a música de Wanderléa combinava mais, incommum intervenção de sua parte. No velório de Coutinho, a ambulante deu "o troco" e cantou a faixa gospel "Faraó ou Deus". Ele podia ser ateu, mas era "people", afinal. Por isso Fátima chorou.



Fátima Pereira na calçada onde vende livros, no Leme